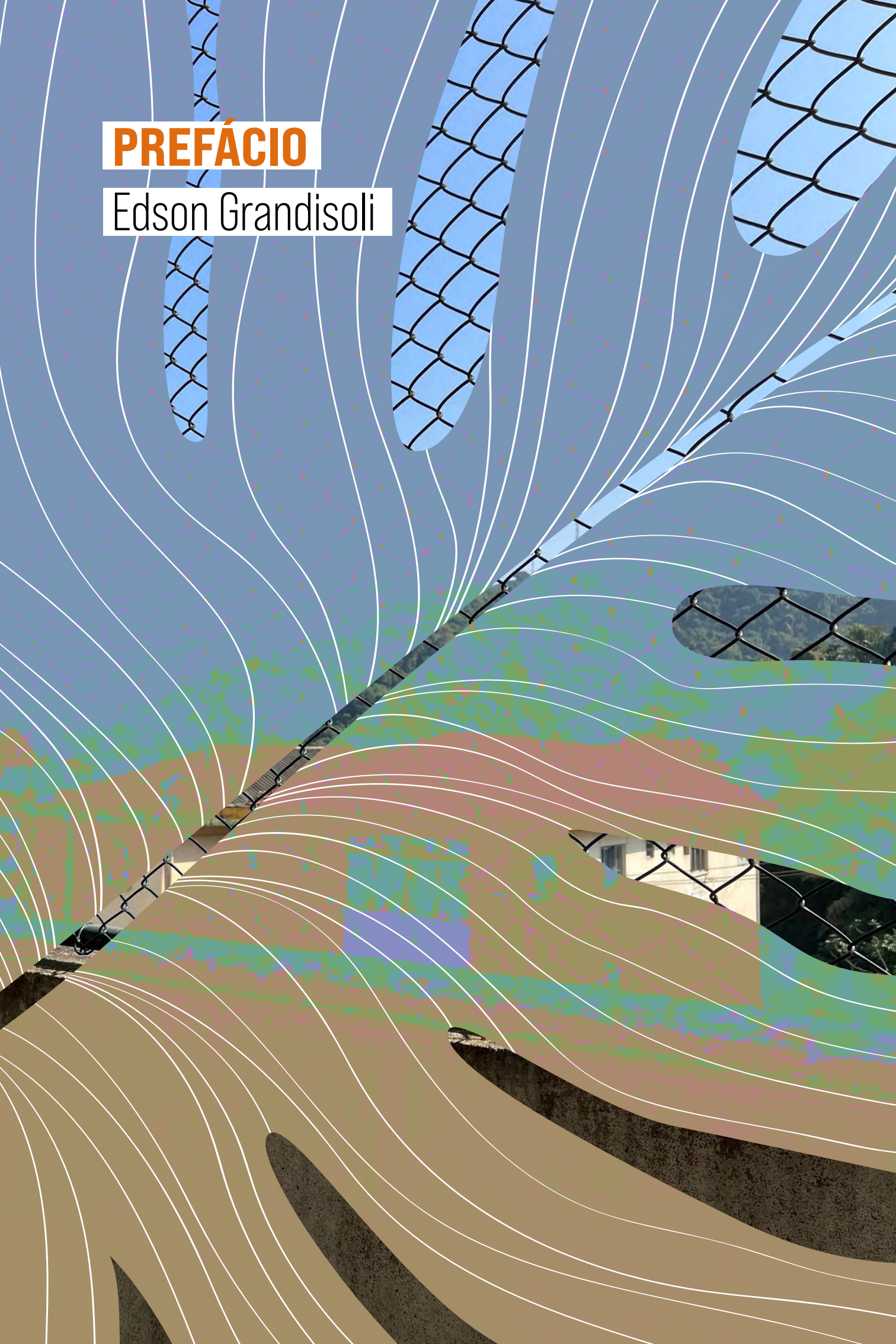


The background of the entire page is an abstract composition. It features a series of white, flowing, wavy lines that sweep across the frame from the bottom left towards the top right. These lines are layered over a background of muted colors: a light blue at the top, a greenish-brown in the middle, and a tan or light brown at the bottom. A black chain-link fence is visible, running diagonally from the bottom left towards the top right, partially obscured by the white lines. The fence appears to be made of metal and has a diamond-shaped mesh pattern. The overall effect is one of movement and depth, with the lines creating a sense of flow and the fence adding a structural element to the composition.

# **PREFÁCIO**

Edson Grandisoli

As mudanças climáticas funcionam como uma lente que revela, ao mesmo tempo, o passado, o presente e possíveis futuros.

No livro *Capital Fóssil* (2025), Andreas Malm descreve de forma contundente o que denomina “economia fóssil”: um modelo que, desde o século XIX, sustentou a construção de uma economia aparentemente autossuficiente, baseada no uso crescente de combustíveis fósseis. Esse sistema, que se complexificou ao longo do tempo, gerou prosperidade, ainda que concentrada, mas também impactos profundos hoje evidentes nos principais indicadores associados aos limites planetários. Compreender essa trajetória socioambiental de mais de 170 anos é fundamental para orientar ações no presente para o futuro.

Por falar em futuro, as projeções climáticas do IPCC, especialmente no Sexto Relatório de Avaliação (AR6), traçam cenários preocupantes. As diferentes trajetórias de emissões de gases de efeito estufa indicam a intensificação de eventos extremos, com riscos crescentes para a biodiversidade e para populações vulneráveis. No cenário mais otimista, o aquecimento global seria limitado a 1,5 °C; nos mais pessimistas, poderia alcançar entre 7 °C e 8 °C. Mesmo o cenário mais favorável já é alarmante, sobretudo diante dos compromissos firmados no Acordo de Paris, em 2015, e dos avanços ainda insuficientes na redução de emissões, mesmo após três décadas de conferências climáticas.

Entre a compreensão histórica e as projeções futuras, encontra-se o presente e a pergunta inevitável: o que podemos fazer agora?

Do ponto de vista político-institucional, o momento atual exige alinhamento, responsabilização e cooperação, mesmo em um contexto marcado por desinformação, conflitos de interesse e polarização. Esta última, inclusive, tem sido apontada recorrentemente como um dos principais riscos globais em relatórios do Banco Mundial. Redirecionar uma trajetória historicamente competitiva e excludente para outra, baseada na cooperação e na inclusão, é um desafio significativo, que inevitavelmente envolve negociações e concessões.

Os efeitos da inação já são visíveis diariamente, tanto nos noticiários quanto, de forma mais grave, na vida de milhares de pessoas, sobretudo entre populações negras, mulheres, crianças e comunidades tradicionais.

Ao mesmo tempo, iniciativas como a transição energética, a bioeconomia

e a restauração de ecossistemas ainda avançam de forma lenta e incipiente na maior parte dos países. Embora representem caminhos promissores para a mitigação das mudanças climáticas, muitas dessas ações ainda se desenvolvem em escala reduzida, como experiências piloto.

Diante dessa realidade, torna-se cada vez mais urgente não apenas mitigar, mas também adaptar. A adaptação climática traz o foco para o presente, exigindo respostas contextualizadas e pragmáticas.

Nesse contexto, a educação ocupa um papel central. A continuidade da aprendizagem nas escolas, por exemplo, está diretamente ligada à capacidade de adaptação a eventos extremos, como ondas de calor, enchentes, problemas de saneamento e doenças transmitidas por vetores. Além de serem diretamente afetadas, interrompendo suas atividades por semanas, as escolas frequentemente se tornam espaços de acolhimento para pessoas que perderam suas moradias. Esses fatores impactam profundamente o funcionamento escolar, a aprendizagem e a convivência das juventudes.

É nesse cenário desafiador que os artigos desta publicação se inserem, evidenciando a complexidade das relações entre cidades, participação comunitária, políticas públicas, abrigos climáticos e educação. Para além da difusão de conceitos essenciais, os textos convidam à reflexão sobre os contextos locais e as vocações dos territórios como pontos de partida para a ação.

Esta obra, portanto, se debruça sobre a urgência do presente, o que a torna especialmente relevante por seu enfoque abrangente, linguagem acessível e pertinência para diferentes públicos.

**Boas leituras!**